



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 2020 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO N.º 38 - (entrada livre)

O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA

Título original: An Affair to Remember

Realização: Leo McCarey (EUA, 1957)



EU E "O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA"

Tenho com o filme "O Grande Amor da Minha Vida" duas histórias curiosas e de sentido contrário. Numa delas ocorreu um erro meu, indesculpável, enquanto crítico de cinema do "Diário de Lisboa".

Por essa altura, anos 60 e 70 do século passado, os filmes estreavam-se, não todos à quinta feira, como agora acontece, mas em diversos dias da semana. Cada sala escolhia o seu dia da semana, o que permitia a muito

espetadores (e certas famílias) terem bilhetes cativos em várias salas para assistirem aos filmes estreados. Havia salas mais ou menos especializadas nalguns géneros e espetadores fiéis que acreditavam nos critérios seletivos dessas salas. A crítica de cinema era quase diária, portanto. Desde finais de 1967, eu e o Eduardo Prado Coelho tínhamos inaugurado a crítica personalizada, assinada, e diária num jornal. O que foi muito malvisto por distribuidores e exibidores, não habituados a lerem textos independentes que diziam bem ou mal consoante as suas opiniões. Tão irritados ficaram que resolveram contra-atacar, mas esse será assunto para uma nova crónica. O que me trás aqui hoje é outra questão.

Todos os dias, eu e o Eduardo dividíamos entre nós os filmes que se iam estreando. Por vezes havia dois ou três títulos a surgirem nas salas de Lisboa na mesma noite, por isso acontecia termos de passar alguns textos para o dia seguinte. Nos meses de verão era a época das reposições, filmes que nós já conhecíamos bem e que se podiam recordar sem os rever nesse regresso às salas. Um dia anunciavam-se duas estreias e uma reposição, eu escolhi uma delas, o Eduardo ficou com a outra e, como eu conhecia bem "O Grande Amor da Minha Vida", ofereci-me para escrever uma pequena resenha sobre essa reposição. Ora "O Grande Amor da Minha Vida", filme de Leo McCarey, de 1957, tinha como título original "An Affair to Remember" e como protagonistas Cary Grant e Deborah Kerr.

Durante a madrugada, depois de escrever sobre o filme de estreia que acabara de ver, lancei-me rapidamente numa nota sobre a reposição. O título do filme era o verdadeiro, mas o texto referia-se a um outro filme, "A Colina da Saudade" (Love Is a Many-Splendored Thing), de 1955, com realização de Henry King e interpretação de William Holden e Jennifer Jones. Vergonha, tanto mais que dias depois o António-Pedro de Vasconcelos me apanhou na rua e me deu uma valente reprimenda pela asneira. Ainda por cima, "O Grande Amor da Minha Vida" é um filme notável e "A Colina da Saudade" apenas uma história sentimental, apenas interessante.

Enfim, não são só os árbitros a errar, nem os avançados a perder golos ou os guarda-redes a darem frangos. Felizmente, erros graves, que me lembre, foi só esse. As opiniões podem



discutir-se e devem ser debatidas. Mas tomar a nuvem por Juno não é conveniente e serviu-me de emenda. A partir daí confirmo tudo à mais pequena dúvida e às vezes mesmo sem dúvidas.

A outra história curiosa que se passou comigo com este filme tem a ver com umas sessões clássicas, organizadas pelo jornalista do "Diário Popular", Portal da Costa, no Cinema Politeama, ainda nos anos 60 ou 70. Não tenho muito bem a certeza do nome das sessões, mas era qualquer coisa como "As Grandes Histórias de Amor", ou "Romance ou Filmes". Era uma seleção de filmes onde imperava o amor, obviamente. Aconteciam às 18 horas, a cada quinta-feira, a frequência era genericamente feminina, mas, às vezes, eu ia até lá ver filmes de que gostava muito ou que tinha perdido na estreia.

Como o público era maioritariamente constituído por mulheres, o romântico Portal da Costa oferecia, ao intervalo, um majestoso ramo de flores, a ser sorteado entre os bilhetes vendidos. Pois bem, numa sessão em que eu era quase o único homem na assistência, caiu-me em sorte o ramo de flores, que trouxe (algo envergonhado) para casa dos pais e ofereci à minha mãe. Ela, que tinha um certo sentido de humor, ficou surpreendida: "Não faço anos, nem é Dia da Mãe!". Mas ficou satisfeita.



O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA (1957)

"An Affair To Remember" é considerada uma das mais belas e tocantes histórias de amor contadas em cinema. Num inquérito organizado pelo American Film Institute, fica em quinto lugar, só ultrapassado por "Casablanca", "Gone with the Wind", "West Side Story", "Roman Holiday". História de amor, comédia dramática, melodrama, tudo isso se poderá dizer de "O Grande Amor da Minha Vida", na sua versão de 1957, assinada por Leo McCarey.

Muito se fala em cinema, e em literatura, de "drama" e "melodrama". Haverá quem se pergunte qual a distinção a estabelecer entre um e outro. Se a pergunta é cândida, a resposta não é fácil, já que a diferença se estabelece, pode dizer-se, a um nível de intensidade. Qualquer coisa como se o melodrama fosse o drama levado às suas

últimas consequências.

Drama é toda a obra literária, teatral ou cinematográfica que aborde temas graves, infaustos, desgraças e outros eventos potencialmente comoventes. O melodrama concentra, acumula, num crescente tom patético, sentimentos e situações de exagerada dramaticidade. O melodrama é, por isso mesmo, um género muito popular, nascido no tempo da Revolução Francesa, e que se estende até hoje, muitas vezes olhado com descrédito, mesmo desprezo, pelo público mais erudito. Tanto no teatro, como, sobretudo, no cinema, o melodrama aparece ainda associado à utilização de uma banda musical romântica e envolvente que mais e melhor especula com as emoções dos espetadores. Quando dá para o torto, chega a "fazer chorar as pedras da calçada" e, às vezes, é mesmo de "faca e alguidar", designações genuinamente populares que mostram bem a intensidade emotiva que atinge. Mas a história da literatura mundial tem dado excelentes exemplos de obras românticas, naturalistas e realistas, que se servem de alguns dos processos do melodrama para atingirem níveis de verdadeira excepção. No cinema, para falarmos já do que aqui nos interessa sobremaneira, a extremada manipulação dos sentimentos e das emoções é feita, por vezes, de forma tão subtil e com um pudor tal que muitas são as obras-primas que se orgulham do epíteto de melodramas.

Douglas Sirk é um autor admirável de títulos verdadeiramente inesquecíveis, e "An Affair To Remember" é também ele um excelente exemplo do melodrama, um dos melhores que o cinema norte-americano nos ofereceu até hoje. "O Grande Amor da Minha Vida", de Leo McCarey, com um casal de atores invulgarmente inspirados, Cary Grant e Deborah Kerr, surge na década de 50, uma das mais proveitosas neste género.

Falemos para já um pouco de Leo McCarey. Nascido em 1898 e falecido em 1969, McCarey foi, curiosamente, um dos grandes autores de comédia. Iniciou a sua carreira nos estúdios de Hal Rouch, dirigindo curtas-metragens burlescas de Charlie Chase e escrevendo várias histórias de Laurel e Hardy (os célebres Bucha e Estica), passando depois por cómicos como Eddie Cantor, W.C. Fields, Mae West, Harold Lloyd e os Marx Brothers, de que assinou uma das suas melhores comédias, "Duck Soup" (Os Grandes



Aldrabões). Outra das suas mais espantosas realizações chama-se "Ruggles of Red Gap" (O Último Escravo), com um portentoso dueto de Charles Laughton e Charles Rugles.

Estranhamente, ou talvez não, nestas coisas os extremos tocam-se e quem sabe fazer rir também não se sai nada mal a fazer chorar, Leo McCarey assinou igualmente algumas obras melodramáticas de boa qualidade, como os festejados "O Bom Pastor" (Going My Way), "Os Sinos de St.^a Maria" (The Bells of St.Mary's) ou este sensacional "An Affair to Remember", que é realmente um filme para recordar - pelo menos é um daqueles que eu não esqueço. Mas devo acrescentar que sou um sentimental, que gosto muito de melodramas e, mais ainda, aceito de bom grado ser levado por uma boa história, bem conduzida com a emoção à flor da pele. Alguns, talvez mais sofisticados ou então mais empedernidos, não veem com bons olhos esta manipulação dos sentimentos, nem na ficção. Mas eu julgo que ela é perfeitamente legítima, quando concebida com arte, com subtileza, com amor, mesmo com bastante humor, como o demonstra esta notável obra de Leo McCarey, que é, já de si, um remake de um outro filme deste cineasta, rodado em 1939, "Love Affair" (Ele e Ela), então interpretado por Charles Boyer e Irene Dunne. Para a versão de 1957, Leo McCarey escreveria o argumento de colaboração com outro cineasta, mestre do melodrama, Delmer Daves, nome que infelizmente não goza presentemente da reputação que lhe seria inteiramente merecida. Diz quem comparou as duas versões que a de 57 segue à risca, quase plano por plano, a de 39. Mas a de 57 socorre-se da cor e do Cinemascope, ambos magnificamente utilizados.

"An Affair to Remember" começa num tom de comédia sofisticada, a bordo de um transatlântico que parte da Europa e leva de regresso à América Nico Ferrante, um playboy, "mestre na arte de amar", que se prepara para casar com uma herdeira multimilionária, e Terry McCay, uma cantora de Boston, que se encontra noiva de um jovem empresário empreendedor. A viagem até Nova Iorque é particularmente divertida e Leo McCarey demonstra por que é um dos grandes da comédia. A forma como, logo no início do filme, as várias rádios nacionais anunciam o noivado de Ferrante é notável, os diálogos de Ferrante com Terry McCarey são brilhantes, o beijo que Cary Grant e Deborah Kerr dão a meio de umas das escadas é um dos mais belos beijos da história do cinema, mas o filme deixa insinuar um clima de presságio maligno a partir da visita que ambos fazem à velha casa da avó de

Ferrante, no alto de Ville Franche. Rapidamente se instala o drama, curiosamente numa cena elidida pela púdica câmara de McCarey, fabuloso na arte de sugerir sem mostrar. Aliás, a obra tem esse fascínio suplementar, para quem gosta de cinema, de ser de uma eficácia de escrita sem mácula, sem um rodriguinho, sem uma excrescência desnecessária, jogando com a sugestão e a elipse de forma magnífica. O reencontro de Ferrante e Terry, iniciado numa conversa cheia de subtendidos e de sentidos desencontrados, é exemplo de um domínio de escrita invulgar.

Nomeado para quatro Oscars, destinados à fotografia de Milton Krasner, ao guarda-roupa de Charles Le Maire, à partitura musical de Hugo Friedhofer e à canção tema, que, na voz de Vic Damone, se tornaria um êxito internacional, "An Affair To Remember" julgo ser uma das mais conseguidas histórias de amor que o cinema dos ofereceu.



O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA

Título original: An Affair to Remember

Realização: Leo McCarey (EUA, 1957);
Argumento: Delmer Daves, Donald Ogden Stewart, Leo McCarey, Mildred Cram;
Produção: Jerry Wald; **Música:** Hugo Friedhofer; **Fotografia (cor):** Milton R. Krasner; **Montagem:** James B. Clark;
Direcção artística: Jack Martin Smith, Lyle R. Wheeler; **Guarda-roupa:** Charles Le Maire, Kay Reed, Mickey Sherrard;
Decoração: Paul S. Fox, Walter M. Scott;
Maquilhagem: Ben Nye, Helen Turpin;
Direcção de produção: Gaston Glass;
Assistentes de realização: Gilbert Mandelik, Jack Gertsman; **Som:** Harry M. Leonard, Charles Peck, Matt Vowles; **Efeitos especiais:** L.B. Abbott; **Companhias de produção:** Twentieth Century Fox Film Corporation, Jerry Wald Productions;

Intérpretes: Cary Grant (Nickie Ferrante), Deborah Kerr (Terry McKay), Richard Denning (Kenneth Bradley), Neva Patterson (Lois Clark), Cathleen Nesbitt, etc.

Duração: 119 minutos; Distribuição em

Portugal: Twentieth Century Fox (DVD); Classificação etária: M/12 anos; Estreia em Portugal: 7 de Outubro de 1957.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 2020

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO N.º 39 21H00 (entrada livre)

O FALSO PROFETA

Título original: Elmer Gantry

Realização: Richard Brooks (EUA, 1960); **Duração:** 146 minutos | Classificação etária: M/ 12 anos.